O MUNDO

UMA
HISTÓRIA
DA
HUMANIDADE

SIMON SEBAG
MONTEFIORE

Tradução
Constança Paiva Boléo e António Júnior

CRÍTICA

Ao meu querido filho,
Sasha

À memória dos meus pais,
Stephen e April

Se um reino for uma grande família, também uma família é um pequeno reino, dilacerado por fações e exposto a revoluções.

SAMUEL JOHNSON

O mundo é uma montanha e os nossos atos são vozes;
As vozes têm ecos; a nós não de regressar.

RUMI

Enquanto os leões não tiverem os seus próprios historiadores,
a história da caça há de sempre glorificar o caçador.

CHINUA ACHEBE

A verdade nunca caiu morta nas ruas; tem tal afinidade pela alma
do homem que a semente, independentemente de como for lan-
çada, pegará em algum lugar e produzirá o seu cêntuplo.

THEODORE PARKER

Tantas guerras, tantas formas de crime [...]
O ímpio Marte verga tudo à sua louca vontade;
O mundo é como uma quadriga fora de controlo.

VIRGÍLIO

A questão resume-se a saber quem controla quem.

LENINE

Quem acredita que estudando histórias isoladas pode adquirir uma perspectiva bastante imparcial da História como um todo é como a pessoa que, depois de olhar para os membros cortados de um animal antes vivo e belo, imagina ter visto a criatura viva em todos os seus atos e graça [...]. De facto, é só através do estudo da interconexão de todas as partes, das suas semelhanças e diferenças, que nos habilitamos a, pelo menos, fazer um exame geral e, assim, obter tanto o benefício como o prazer da História.

POLÍBIO

A meio do caminho nesta vida,
vi-me no meio de uma selva escura,
pois o caminho correto estava perdido.

DANTE

Índice

Prefácio e agradecimentos	25
Nota	29
Introdução.	31
PRIMEIRO ATO	
Casas de Sargão e Amósis: zigurates e pirâmides	41
Poetisa, princesa, vítima, vingadora: Enheduana	41
Kubaba: a primeira rainha.	47
Khufu e a mãe: os construtores de pirâmides	50
Meu pai não conheci: Sargão esmaga o rei	52
A vingança de Enheduana.	54
A cabeça despedaçada de Sekenenré, <i>o Bravo</i>	56
Hatshepsut: primeira entre as mulheres – primeira faraó	60
Corredor enquanto rapaz, atirador exímio, encantador de cavalos, caçador de touros: Amenhotep.	63
Senhora do Egito: ouro, esposas e diplomacia.	64
Casas de Hatusa e Ramsés	65
A obsessão pelo Sol: Nefertiti e o rei de Hati.	65
A transição: o Nefertiti masculino, a mulher de Tutankhamon e o príncipe de Hati	66
Colisão de bigas: Ramsés e Muwatalli	68
Rainhas da guerra: senhora Hao, de Shang; Puduhepa, de Hatusa; e Nefertari, do Egito	69
Os faraós núbios e os grandes reis de Assur: Casa de Alara vs. Casa de Tiglate-Pileser	75
Três rainhas: Jezabel, Semíramis e Atalia	75
Tiglate-Pileser e a família: os assírios à conquista do mundo.	77
Alara de Cuxe: primeiro império africano	78
África vs. Ásia: Shabaka vs. Senaqueribe	80
Depressão de um rei do mundo: Assaradão e Taharqo	81
Assurbanípal e avó: parceria de poder	82

SEGUNDO ATO

Haxamanis e Alcméon: Casas da Pérsia e de Atenas	87
Nabucodonosor, a sua rainha e a meretriz da Babilónia	87
Ciro e a rainha Tómiris: de conquistador a taça	90
Dario e Buda: a roda	95
Os alexandrinos e os axamanishiya: duelo eurasiático	101
Rainha Amétris e a mutilação de Artainte	101
Péricles, Aspásia e a peste de Atenas	104
Alcíbiades e Sócrates	106
A disputa venenosa da Pérsia e a intriga da halitose literária na Macedónia	108
O zarolho Filipe e a rainha Olímpia	111
Roleta: Dario III e Alexandre III	113
Alexandre, Roxana e Chandragupta: rei do mundo, rainha afegã, rei indiano	116
Morte na Babilónia: têm início os assassínios	120
Os mauria e os Qin	123
Seleuco na Índia: a ascensão de Chandragupta	123
Axoca – monarca cujas rodas se movem	125
Coração de tigre e lobo: venham os Qin	127
Os Barca e os Cipião: as Casas de Cartago e de Roma	131
Amor entre os Ptolemeu	131
Raio africano e sacrifício humano: Barca de Cartago	132
Cipião, Aníbal e Masinissa	136
Demétrio, rei dos indianos	139
Peixe podre de Qing: a ascensão do pequeno malandro	140
Mulher monstruosa: vejam o porco humano	142
Mihرداد e Judá: martelo da Judeia; tiro parto	143
Africano, <i>o Jovem</i> , e o rei da Numídia: a morte das grandes cidades	144

TERCEIRO ATO

Os Han e os Césares	149
O rei barrigudo, o seu filho e as Cleópatras	149
Parentesco harmonioso, casamento salpicado de sangue: uma princesa com os nómadas	150
O rei impossível de envenenar, o ditador com monorquidia e o carniceiro adolescente	152
O historiador castrado e o imperador Wu	153
O fornicador careca e a rainha egípcia: César e Cleópatra	156
A cabeça de Crasso e o milhão de mortos gauleses	158
Sexo com quem? Cleópatra, César e António	159
A serpente de Cleópatra, o nariz de Alexandre	162

Augusto, Júlia e a rainha zarolha de Cuxe	164
Andorinha voadora e a paixão da manga cortada	166
O réptil de Capri	167
Se ao menos Roma tivesse pescoço: Calígula e as irmãs	170
Os Trajano e os tubarões de primeiro grau: os romanos e os maias	173
Uma promíscua no palácio: o golpe de Messalina	173
Domínio dos libertos: o casamento de Agripina	175
Mães, irmãos e irmãs: Nero, Agripina e os Ban	176
A autora e o protetor-geral no covil do Tigre: Ban Chao e a sábia	180
Guerras de estrelas, pénis perfurados, escravos sexuais e banhos de vapor	183
Adriano apaixonado: morte no Nilo	187
Os Severo e Zenóbia: dinastias árabes	190
Os eunucos, o filósofo imperial e a pandemia	190
O monstro do filósofo: Cómodo	195
O massacre de eunucos e a megalomania de exsuperatório	196
Heliogábalo em transição: o imperador africano e três imperatrizes árabes	198
O xá, o imperador empalhado e os testículos em sal	200
Zenóbia e Constantino	201
QUARTO ATO	
Casas de Constantino, Sasano e Coruja Lança-Dardos	207
Valores cristãos da família: o uxoricida e o décimo terceiro apóstolo	207
O embrião coroado e o imperador pagão	210
Primeiro crocodilo e Rugila, <i>o Huno</i>	212
Átila e a imperatriz Placídia	214
O casamento sangrento de Átila – e a noiva de Justiniano	216
Qusay e Justiniano: de Constantinopla a Meca	219
Justiniano: Salomão, superei-te	220
A pandemia de Justiniano – e as aves assassinas de Meca	222
QUINTO ATO	
A dinastia de Maomé	229
Desentendimento familiar	229
O imperador que cantava como um galo e ladrava como um cão: a loucura de Justino	230
Lê! Não sei ler! Lê! A revelação de Maomé	232
Os Tang e Sasano	235
Caçador mortal, leão do Oriente: a megalomania de Cosroes	235
Taizong e o rei do Tibete	237
As viagens de Xuanzang: a abertura da Indosfera	239
A família de Maomé	241

Desbastem os não circuncidados com as vossas espadas! Conquistas da família de Maomé	242
Encantadora Wu: a imperatriz matou o meu bebé	246
SEXTO ATO	
Casas de Maomé e Carlos Magno	251
O «César Árabe» e Yazid da prostituição, Yazid dos macacos	251
Ejaculação política: os dentes e as garras da imperatriz Wu	253
O «Mata-Moscas» de Damasco e as imperatrizes dos Tang	257
O Martelo e o califa mulherengo: vaginas nas sobranceiras de um leão	260
O sanguinário e o bebé gigante: ascensão de Abbas, queda dos Tang	263
O falcão do al-Andaluz e as pombas coroadas de Aix: Abderramão e Carlos Magno	269
Matar os demónios: a espada de Carlos Magno	271
Coroação de Carlos Magno, casamento de Harun	272
<i>As Mil e Uma Noites</i> : o califa e as estrelas-cantoras de Bagdade	274
Traz-me a cabeça de Jafar, cabrão	276
O melro de Córdova	279
Os ruríquidas e a Casa de Basílio	280
A magia: Rurik e os <i>vikings</i> – guerra de Berserk, sexo em grupo e sacrifício humano	280
Constantinopla e Roma: Basílio, o encantador de cavalos com monocelha, e Marózia, a senadora	283
Pagãos convertidos: Vladimir e Rolão	288
Califa de Córdova	289
Os <i>ganas</i> e os fatímidas	292
Poder africano: o <i>gana</i> , de Wagadu, e o dono do Cairo	292
Os perfumes de Al-Misk, os peixes de Jawar e o vizir judeu: a Casa Fatímida	295
O Calígula do Cairo, a senhora do poder e aquele que cega os búlgaros	297
Os Dente Azul tomam a Inglaterra: <i>Despreparado, Braço de Ferro, Barba-Bifurcada e Pé de Lebre</i>	299
Os americanos: Freydis e serpente emplumada	301
SÉTIMO ATO	
Os Song, os Fujiwara e os Chola	309
Ensaio do lago dos sonhos: pólvora, papel-moeda, poesia – os súbditos sofisticados dos Song	309
Duas escritoras – Murasaki e a poetisa	313
Os seljúcidas, os Comneno e os Hauteville	319
Arslan, o Leão Furioso, e a sempre jovem Zoé	319
Guilherme <i>Braço de Ferro</i> , Roberto <i>Astuto</i> e Sigelgaita <i>Amazona</i>	321

Pénis numa palmeira: a princesa-poetisa e o leão vaidoso	323
O peido de Rogério, a magia de Zaynab e a espada de <i>El Cid</i>	327
Os cruzados: o gigante e a filha do imperador.	330
OITAVO ATO	
Gengis: uma família conquistadora	339
Ascensão e queda do <i>khan</i>	339
A queda de Temujin	341
Tamara, defensora do Messias	342
Temujin recupera	345
O sedutor e o vingador: os dentes de Andrónico e os olhos do doge	347
Gengis – a minha vida dourada – e a morte negra	350
Gengis e os filhos: qual é a maior alegria de um homem?	352
Os khmers, os Hohenstaufen e os Polo	356
Jayavarman, de Angkor, e a maravilha do mundo.	356
Gengis e Frederico: momento da verdade no leito de morte	358
Quando as mulheres governavam o mundo: Sorqaqtani e Razia	362
Alexander Nevsky e Mõngke <i>khan</i> : retomar a conquista do mundo.	364
Hulagu e Saadi: resistência a um elefante, chacina de uma cidade	366
Quem me dera ser pó: o rei escravo e o último Hauteville	369
Kublai e os irmãos Polo.	371
Os Keita, do Mali, e os Habsburgo, da Áustria	372
Rodolfo Predador e Marco Milhão	372
Kublai invade o Japão	375
Os Polos escapam, e o historiador dos <i>il-khans</i>	377
Sundiata, o <i>Rei Leão</i> : os <i>mansas</i> , do Mali, e os mexicas da cidade-ilha	379
O homem mais rico do mundo – Musa no Cairo	383
A morte destrutiva: quatro escritores na Peste Negra	385
NONO ATO	
Os timúridas, os Ming e os obas do Benim	393
Os otomanos chegam à Europa: dois castelos e um casamento	393
As torres de cabeças: Tamerlão e o poeta Hafiz	397
Tamerlão conquista Deli; <i>Relâmpago</i> numa gaiola	400
Imperador do mundo: Tamerlão em Samarcanda.	402
Imperador pedinte: morte por mil cortes e exterminação até ao nono grau	403
Sigam a via chinesa: o almirante eunuco e o túmulo de Tamerlão	405
Massacre das concubinas	408
O rei leopardo e João, o <i>Bastardo</i>	408

DÉCIMO ATO

Os Médici e os mexicas, os otomanos e a dinastia de Avis	417
D. Henrique, <i>o Navegador</i> : escravos, açúcar e ouro	417
Cosimo e o papa pirata: em nome de Deus e do bom negócio	419
O degolador e o conquistador: a queda de Constantinopla	422
Os mexicas de Itzcoatl: aqueles que morrem pelo Deus.	425
Os incas, os Trastâmara e os ruriíquidas	428
O agitador da Terra e o impotente	428
A segunda e a terceira Roma: César Mehmed e Sofia de Moscovo	431
Um ataque que correu mal: <i>Il Magnifico</i> e Miguel Ângelo	434
O Kremlin de Sofia; a Albânia de Skanderbeg; o retrato de Bellini.	437
Os manikongos, os Bórgia e os Colombo	439
Isabel e Fernando: conquistadores do Islão, flagelo dos judeus	439
Os <i>manikongos</i> do Congo e <i>El Hombre</i> de Portugal.	442
Anacaona, o almirante e a rainha.	444
Fogueira das vaidades: o papa Alexandre e a orgia das castanhas dos Bórgia.	449
Os Habsburgo e os otomanos	454
O arquidorminhoco do Império Romano – e Joana, <i>a Louca</i>	454
Quem tem mais tomates: os dois <i>Terribiles</i> – Júlio e Miguel Ângelo.	458
Lutero e Leão: as fezes do Diabo e o elefante do papa	461
Os saqueadores orientais de D. Manuel: Vasco da Gama e Afonso de Albuquerque.	464

DÉCIMO PRIMEIRO ATO

Os timúridas e os mexicas, os otomanos e os safávidas	473
Babur conquista Deli	473
Selim – mergulhado em sangue até ao pescoço.	476
O Alexandre-Jesus da Pérsia aposta na conquista do mundo.	477
Roxelana e Solimão: a alegre e o magnífico.	479
Carlos e o <i>manikongo</i>	482
Cortés, Malinche e Moctezuma	486
Isabel Moctezuma: a última imperatriz e a queda dos mexicas	489
Os incas, os Pizarro, os Habsburgo e os Médici	494
<i>Le Grand Nez</i> e a imperatriz dos cravos	494
O inca e o conquistador	496
O Duque Negro, Miguel Ângelo e o saque de Roma	497
O <i>Juízo Final</i> , de Miguel Ângelo, e a queda do Duque Negro.	499
Os favoritos de Solimão: Roxelana e Ibrahim	500

Os timúridas e os ruriíquidas, os otomanos e a Casa dos Mendes	503
Estrangulamentos e batalhas marítimas: os irmãos <i>Barba-Ruiva</i> e a rainha pirata	503
Os irmãos Habsburgo e os seus conquistadores	506
A imperatriz otomana, o piolho sortudo e <i>Doña Gracia</i>	512
O rei prudente e as três rainhas inglesas.	514
<i>Hoyda!</i> Besta selvagem e sanguinária.	521
O sultão louro, o duque judeu, o vizir sérvio	527
Os Valois e os Saadi, os Habsburgo e os ruriíquidas	529
<i>La Serpente</i> : uma rainha Médici em França	529
O mortífero e flagelador filho de Filipe e o combativo irmão: vitória e desgosto	532
O casamento vermelho: o rei traquinas, a rainha crocodilo e o czar psicótico. .	535
O assassinio dos filhos: o rei dos hermafroditas e o czar da Sibéria	538
A batalha dos três reis mortos: D. Sebastião, <i>o Adormecido</i> , e Mansur, <i>o Dourado</i>	540
O rei Bayano, Drake e Diego	543
Duas armadas: Filipe e Hideyoshi	547
O imperador louco de Praga	550
DÉCIMO SEGUNDO ATO	
Os daomeanos, os Stuart e os Villiers, os timúridas e os otomanos	557
O rei das bruxas – a paixão de Jaime, Shakespeare na corte	557
As imperatrizes de Agra e Constantinopla: luz do palácio e lua bela	564
Queda do alto: o príncipe das trevas e o coprófago Júlio César	567
Assassinio por Enema: os favoritos de Jaime	569
Assassinio por aperto testicular: Kösem e os seus rapazes	571
Os Smith, o rei planeta e dois artistas.	572
Santos da América: Cromwell, Warwick e Winthrop	577
Taj Mahal: a filha de Mumtaz e o filho louco de Kösem.	582
O <i>manikongo</i> Garcia, a rainha Nzinga e o <i>ahosu</i> Houegbadja: três reis africanos.	584
Os zumbas e os Orange, os Cromwell e os Villiers	590
Serei a meretriz da ralé: os dezanove cavaleiros de Amesterdão e o príncipe pirata de Nova Amesterdão	590
Santos e cavaleiros: Carlos, Henriqueta Maria e Cromwell	592
Matar reis: texugos e hetmans, cubos de açúcar e cordas de arco	595
A coroa incorruptível e a mãe magnífica	599
As entranhas de Cristo: o protetor Oliver e o príncipe Dick	601
Ganga Zumba – rei dos Palmares.	604
Os conquistadores do mundo: Shivaji, Aurangzeb e a poetisa	607
A rainha Dick.	610

Os manchus e os Shivaji, os Bourbon, os Stuart e os Villiers	613
Velázquez, Bernini e Artemísia	613
Ana e Mazarin	615
Sexo, veneno e guerra na corte do <i>Rei-Sol</i>	618
Os alegres irmãos e a companhia africana	620
Minette, Barbara e a alimentação de De Witt	623
O supremo Qing, o grande mogol e os <i>chhatrapati</i>	626
Os afexáridas e os manchus, os Hohenzollern e os Habsburgo	631
Leopoldo «Boca de Porco», Sobieski «Pólvora» e rainha «Cleópatra:» a última grande carga	631
A criança trocada, a roupa interior do rei e os Orange	633
Leitos de morte titânicos: Carlos, Alamgir, Luís, Kangxi	639
Cock Robin, o monstro prussiano, o Hércules polaco	647
O príncipe-filósofo, o <i>philosophe</i> e a marquesa	650
O orgasmo, o conquistador, o diamante e a cortesã: Nader, Rangila e Frederico	655
Parem de fazer da rainha uma desgraçada: Maria Teresa – mãe, imperatriz, senhora da guerra	659
O que é um pai, o que é um filho? A loucura do pai grande	661
Os Durrani e os Said, os Hemings e os Toussaint	663
Conquistadores afegãos e reis árabes: os Durrani, os sauditas e os omanis	663
Agaja, o vice-rei de Ouidah e o monstro da Jamaica	665
Três famílias americanas: os Hemings, os Jefferson e os Toussaint	670
Mimi e Isabel: o teu traseirinho de arcanjo	673
Os Romanov e os Durrani, os Pitt, os comanches e Kamehameha	678
A guerra de Pitt: o grande plebeu	678
Senhores da guerra indianos: Durrani e Clive	679
Construtores de impérios: senhores da guerra comanches e Pitt, «a serpente»	683
O poder do pénis e da vagina: Catarina, <i>a Grande</i> , e Potemkin	685
As larvas de Durrani: império na Índia	689
Radicais: os Jefferson e os Hemings; a rainha inglesa da Dinamarca e a queda do médico	690
Antonieta e Luís: terapia sexual imperial em Versalhes	695
Atira a tua seta: Kamehameha e Cook	696
A intervenção: Antonieta e Fersen	700
Mozart, José e as suas ereções contínuas	701
DÉCIMO TERCEIRO ATO	
Os Arkwright e os Krupp, os Habsburgo, os Bourbon e os Sanson	709
O titã louco por ferro, o duque do Canal, <i>dandy</i> Beau, «Velho Perna de Pau» e Moll Hackabout	709
Sally Hemings e Maria Antonieta: o colar de diamantes e o «Couve de Amor»	715

Saint-George, ligações perigosas e os abolicionistas	719
Requiem: José e Mozart.	722
Antonieta, o executor e a guilhotina.	727
Duas revoluções – Haiti e Paris: Cécile e Toussaint, Robespierre e Danton.	730

DÉCIMO QUARTO ATO

Os Bonaparte e os albaneses, os Wellesley e os Rothschild	735
Antonieta, Josefina e a lâmina nacional	735
O Espártaco negro e o tirano da virtude.	739
Um monte de olhos: o tigre Tipu e o leão do Punjab, os Wellesley e o eunuco vingativo.	744
Potentados egípcios: Bonaparte e Mehmed Ali.	750
Dois generais: Toussaint e Napoleão	752
Um imperador e cinco reinos	757
Os reis do capital: os Rothschild	761
Os zulus e os sauditas, os Christophe, os Kamehameha e os Astor.	764
Monarquias tropicais: os reis do Haiti e do Brasil	764
As mulheres dos conquistadores: Kamehameha e Napoleão	769
Os Wellesley, os Rothschild e a mulher montada na besta	770
Conquistas árabes: Mehmed Ali e os sauditas.	772
Napoleão, Maria e Moscovo: os franceses são como as mulheres – não se pode estar muito tempo afastado	773
Waterloo: o século britânico; Napoleão II e a ascensão dos Rothschild	775
Shaka Zulu, Moshoeshe e Dona Francisca: o <i>Mfecane</i>	779
Construtores de impérios da África Oriental: Mehmed Ali e Said	784

DÉCIMO QUINTO ATO

Os Bragança e os zulus, os albaneses, os daomeanos e os Vanderbilt.	789
Os libertadores: Bolívar e D. Pedro	789
A rainha Maria Luísa, do Haiti, e o grande soberano do Paraguai: a experiência racial do doutor Francia.	794
Manuela, a libertadora, e o rei algodão.	796
Os românticos e a nação moderna: a aventura grega de Lord Byron e a <i>Nona</i> , de Beethoven	798
Estão a apunhalar-me, a mim, rei do mundo? Bolívar e Shaka.	801
Revolução: D. Pedro e Domitila.	803
Os Gladstone – Quamina e <i>sir</i> John: rebeldes escravos e proprietários de escravos	807
Lorde Cupido e as patronas.	809
Antes morrer do que viver como escravo: Daddy Sharpe e a abolição	810
As combatentes de Daomé, o vice-rei de Ouidah, o califa de Sokoto e o comandante Pretorius	812
Napoleão do Oriente: gambito de Mehmed Ali – e a leoa sique do Punjab.	815

Os chefes militares norte-americanos: as balas de Jackson e a perna de Santa Anna	817
Os Estados Unidos da América voltam-se para oeste: o rei do Havai, a rainha Emma e o comodoro Vanderbilt	825
DÉCIMO SEXTO ATO	
Os Bonaparte e os manchus, os Habsburgo e os comanches	831
Revoluções e políticas de massas: Luís Napoleão e Lola Montez	831
As cortesãs e <i>Das Kapital</i> : Napoleão e Marx	835
<i>Esplendores e Misérias das Cortesãs</i>	840
Eliza Lynch e a rainha Vitória: dois potentados.	844
Rebelião: o último timúrida e o primeiro Nehru.	848
Esfolar, empalar, queimar: os britânicos reconquistam a Índia	850
O Dragão Coxo, a Velha Ratazana com Cabeça de Ferro e o Pequeno An: a ascensão de Cixi	852
Se necessário, seduz o imperador: Napoleão, a rainha de copas e o <i>Risorgimento</i> de Itália	858
Amanhã, vencemo-los: Ulysses e Abraham	860
Cynthia Parker e Peta Nocona; Francisco José e Sissi	863
Guerras americanas: D. Pedro e López; Carlota e Eliza	866
Lincoln e Grant: somos todos americanos	867
DÉCIMO SÉTIMO ATO	
Os Hohenzollern e os Krupp, os albaneses e os dacotas	875
O <i>Junker</i> louco, o rei dos canhões e o torneio do poder moderno: venci-os a todos! A todos!	875
Ismail, o <i>Magnífico</i> , e Eugénia: o império é uma velhinha	880
A ratoeira: o colapso de Napoleão	881
O KKK e Greasy Grass: Grant e Touro Sentado	883
O «Chanceler de Ferro» e Dizzy.	889
DÉCIMO OITAVO ATO	
As Casas de Salomão e Axante, os Habsburgo e os Saxe-Coburgo	895
Salama, princesa de Zanzibar, e os cadáveres reais de Catanga	895
Ismail e Teodoro: a batalha pela África Oriental	897
A vitória de Cetshwayo e o último Napoleão	901
O carnicheiro Leopoldo, o carrasco Peters e o capitão louco Voulet: conquistas em África	906
Rodolfo e Maria em Mayerling; o inspetor Hiedler e Adolf em Braunau	913
Monarcas contemporâneos: Francisco Fernando e Sofia, Pedro e Isabel, querido Willy	916
As Casas de Hohenzollern e de Roosevelt, de Salomão e dos Manchus	922
A imperatriz Cixi, a rainha Min e Yat-Sen: o Sol também nasce.	922

A rainha Lili'uokalani e Teddy Roosevelt: a abundância e o engenho dos Estados Unidos	925
Roosevelt e os <i>Rough Riders</i>	933
Abdulaziz – o regresso dos sauditas	935
Rhodes, a metralhadora <i>Maxim</i> e Lobengula	937
Menelique e a imperatriz Taytu: vitória africana	938
Gandhi, Churchill e a «Máquina do Sudão»	940
Duas imperatrizes antigas: Cixi e Vitória	942
Du Bois, Washington e Roosevelt	945
Franklin, Eleanor e Hirohito	949
 DÉCIMO NONO ATO	
Os Hohenzollern, os Krupp, os otomanos, os <i>tennos</i> e os Song	955
Querida, harpista, Tutu e Concettina: Willy e os seus amigos	955
Viena: Franzi, Freud, Klimt, Hitler e outros artistas	957
Quero a minha ama: o bebé imperador, o doutor Sun Yat-Sen e as irmãs Song.	961
Um casamento na família: três imperadores e três paxás.	963
 Os Hohenzollern, os Habsburgo e os haxemitas	966
É <i>assim</i> que vocês recebem os convidados: Franzi e Sofia em Sarajevo	966
Um soldado alemão na frente ocidental: matanças em massa na era das massas	970
O escroto do <i>Kaiser</i> : Hindenburg como ditador	973
Um rei na Arábia, um bolchevique em Petrogrado	975
A queda dos <i>Kaiser</i>	979
O tigre, o bode e Jesus Cristo.	981
Enquanto a Índia for nossa: Gandhi e Nehru	984
O cérebro, o neerlandês tolo e Lucky Luciano.	986
Verificação com as baionetas: os reis de Munique, Síria e Iraque	989
 Os Pahlavi e os Song, os Roosevelt, os <i>mafiosi</i> e os Kennedy	994
Atatürk, Reza, Lenine: pai dos turcos, luz dos iranianos e o maior dos génios	994
As irmãs Song: Sun, Chiang e Mao	998
<i>Jazz</i> : Roosevelt, Josephine Baker, Lucky Luciano e os Loucos Anos Vinte	1002
Rin Tin Tin: Kennedy, o Pequeno César e FDR	1003
O marechal de campo e o cabo	1006
Facas longas; Grande Terror; impulso das massas e poder pessoal: Hitler e Estaline.	1013
A Etiópia com ou sem etíopes: Haile Selassie e Mussolini	1016
 VIGÉSIMO ATO	
Os Roosevelt, os Sun, os Krupp, os Pahlavi e os sauditas	1023
Hirohito invade a China	1023
Os reis do petróleo – a conquista da Arábia: Abdulaziz e Reza	1024

É assim que se faz: o plano de Hitler	1026
Hitler e o jovem rei	1034
A maior batalha da História: a guerra de aniquilação de Hitler; a jogada arriscada de Hirohito	1036
Só estou a ver uma alternativa – o extermínio total: Hitler e o Holocausto	1042
Senhores de escravos: os Krupp	1045
A batalha de Hitler pelo petróleo	1048
Mao e a atriz de Xangai	1051
O futuro da Humanidade: Roosevelt, Estaline e Jack Kennedy	1054
FDR e os três reis	1058
Ainda podemos vencer: a ofensiva de Hirohito	1060
VIGÉSIMO PRIMEIRO ATO	
Os Nehru, os Mao e os Sun, os mafiosi, os haxemitas e os albaneses.	1067
O brilho de mil sóis: a não surpresa de Truman e o século americano	1067
A morte de uma certa Índia: Nehru, Jinnah e a vice-rainha	1070
Dois reis: Farouk, Abdullah e a partição da Palestina	1075
Mao, Jiang Qing e Song, a irmã vermelha	1078
Tigre Kim e a guerra por procuração de Estaline	1083
O Hotel Nacional de Meyer Lansky; a revolução falhada de Fidel Castro	1087
<i>Fat Fuckler e Boy Scout</i> : Nasser e o xá alcançam o poder	1089
Os Norodom e os Kennedy, os Castro, os Kenyatta e os Obama.	1093
O jovem rei do Camboja	1093
Um israelita em Paris	1095
O mineiro e o nadador: Khrushchev e Mao	1096
Esventrado em Bagdade: <i>El Rais</i> e o último rei do Iraque	1098
<i>La Grandeur</i> : De Gaulle e Houphouët	1099
Lanças ardentes: Kenyatta, Nkrumah e Barack Obama (pai)	1103
Nikita e Jack, Mimi e Marilyn	1106
O leão de Judá – e a pimpinela africana	1109
Irmãos: os Castro e os Kennedy	1113
Instalem-se armas nucleares em Cuba: a prostituta do milionário e o gângster imoral	1115
Sihanouk e o xá	1120
Saída de cena de Kennedy: LBJ e MLK	1123
Os haxemitas e os Kennedy, os Mao, os Nehru e os Assad	1126
Lyonia, a bailarina: Brezhnev no poder	1126
A picada do Escorpião e a queda do Canhãozinho: Mao solta Jiang Qing	1127
Nasser e o rei: seis dias em junho	1131
Os assassinios: RFK, MLK, Mboya	1134
O afrodisíaco do poder: o jogo triangular de Kissinger e Nixon	1138
Matar B-52: Mao e Pol Pot	1140

Chamem-me <i>sir</i> – a boneca tonta domina a Índia.	1142
Gosto de direitistas: o Metternich norte-americano e o rei-filósofo da China.	1143
As Casas de Salomão e dos Bush, os Bourbon, os Pahlavi e os Castro	1145
Bestas selvagens e leões: os Assad de Damasco.	1145
Pavões imperiais: o banquete satânico e o anjo.	1147
Mas o rei David retirou-se? O <i>Negus</i> e o major Mengistu	1151
O irmão n.º 1 e o Gangue dos Quatro.	1153
O cruzado e o príncipe: tiranos e democratas europeus	1155
Indira e o filho	1157
Canhãozinho, os Oito Imortais e o Gangue do Escorpião	1158
A África de Castro	1160
O chefe dos espíões: Andropov e o seu protegido Gorbachev	1163
O imã, o xá e Saddam	1166
J. J., do Gana, e Sadat em Jerusalém	1169
Operação 333 em Cabul	1172
Poppy, Osama e W.	1174
Maggie e Indira	1177
Os Nehru: terceira geração	1182
VIGÉSIMO SEGUNDO ATO	
Os Ieltsin e os Xi, os Nehru e os Assad, os Bin Laden, os Kim e os Obama.	1189
O idiota e o Canhão: Gorbachev, Deng e a superpotência única	1189
A Nova África: Mandela e J. J., Menes e Isaias.	1192
A <i>Família</i> : Boris, Tatiana e Rasputin	1201
Os cavaleiros de Damasco, filmes marxistas de monstros e o rei dos dados:	
<i>iPhones</i> e punhais	1204
O príncipe das torres.	1214
Bashar, a baioneta e a Mona Lisa da Índia	1223
Onde espreitam leões e leopardos	1226
O assassinio de Geronimo.	1228
VIGÉSIMO TERCEIRO ATO	
Os Trump e os Xi, os sauditas, os Assad e os Kim	1233
O califado e a Crimeia.	1233
Os dinastas.	1235
O imperador, o czar e o comediante.	1240
Conclusão	1246
Bibliografia selecionada	1257
Índice remissivo.	1259

Prefácio e agradecimentos

Escrevi a presente história do mundo durante os tempos ameaçadores do confinamento da COVID-19 e da invasão russa da Ucrânia. Há milhões de formas para fazer uma coisa destas; desde a Antiguidade que centenas de historiadores o têm feito à sua maneira; a maioria das universidades tem agora professores de história do mundo, e os resultados desses trabalhos são publicados anualmente, muitos dos quais brilhantes, e tentei lê-los todos. Não há livros fáceis de escrever e os de história do mundo são mais difíceis do que a maioria. «Da cabeça, jorram-me palavras e ideias», escreveu Ibn Khaldun quando preparava a sua história mundial, «como nata numa batedeira.» Houve muita nata, e foi bem batida, na preparação da presente obra.

Sempre quis escrever uma história íntima do ser humano como esta, com uma abordagem nova em alguns aspetos, e tradicional noutros, fruto de uma vida de estudo e viagens. Tive a sorte de visitar muitos dos lugares que surgem nesta história, de testemunhar guerras e golpes que dela fazem parte e de manter conversas com algumas personagens que desempenharam um papel no palco mundial.

Quando tinha 11 anos, o meu pai, um médico previdente, ofereceu-me uma versão resumida do agora comoventemente antiquado *A Study of History*, de Arnold Toynbee. «Talvez um dia», dizia ele, «escrevas alguma coisa assim», e eu passei horas a ler histórias de lugares e épocas que não eram ensinados na minha escola inglesa, onde dominava o estudo dos Tudor e dos nazis.

Este livro proporcionou-me a maior satisfação da minha vida de escritor e apresentou-me o desafio mais intimidante. Mas sofri bastante menos do que muitos outros escritores. Ibn Khaldun viu ambos os pais morrerem com a peste. Sir Walter Raleigh escreveu a sua *History of the World* enquanto esperava ser executado, uma situação que certamente encorajava a perspetiva necessária. Mas foi decapitado antes de a acabar (um pensamento insuportável). A História tem um poder especial, quase místico, para moldar (e, se maltratada, distorcer) o presente: é isso que faz da escrita da História uma profissão essencial e nobre – apesar de perigosa. O historiador do mundo Sima Qian (nascido na China cerca de 145 a. C.) foi acusado de difamar o imperador e obrigado a escolher entre ser executado ou tornar-se eunuco no palácio. Optou pela castração para conseguir concluir a sua história: «Antes de

ter acabado o meu primeiro rascunho, deparei-me com esta desgraça [...]. Se puder ser transmitido a homens que o apreciem e penetrar nas povoações e nas grandes cidades, então, mesmo que eu sofresse mil mutilações, que teria para lamentar?» Todos os historiadores, todos os escritores partilham esse sonho. Sima Qian esteve nos meus pensamentos enquanto eu escrevia...

Entre os historiadores vivos, uma galáxia de estudiosos distintos e brilhantes leu, discutiu e reviu todo este livro ou parte dele: agradeço a Dominic Lieven, professor de História Internacional na Escola de Economia de Londres (LSE); Peter Frankopan, professor de História Global em Oxford; Olivette Otele, professora de Legados e Memória da Escravatura, na Faculdade de Direito da Escola de Estudos Orientais e Africanos (SOAS); Thomas Levenson, professor de Escrita Científica no MIT; *sir* Simon Schama, professor de História e História da Arte na Universidade de Columbia; David Abulafia, professor emérito de História do Mediterrâneo na Universidade de Cambridge; Abigail Green, professora de História da Europa Moderna em Oxford. Os meus agradecimentos a Tom Holland pela distinção entre «habitante da Judeia» e «judeu».

O doutor Henry Kissinger, secretário de Estado dos Estados Unidos da América entre 1973 e 1977, leu a parte relativa a esse período; tive a honra de falar sobre a criação da Internet com *sir* Tim Berners-Lee e Rosemary Berners-Lee. O meu agradecimento a Ben Okri.

O meu agradecimento aos que se seguem por corrigirem estes temas específicos:
África: Luke Pepera.

Américas: (EUA) Annette Gordon-Reed, professora, Charles Warren de História Legal Americana na Escola de Direito de Harvard; Andrew Preston, professor de História da América na Universidade de Cambridge; (América Central/América do Sul) Matthew Restall, professor Erle Sparks de História da América Latina Colonial no Penn State College of Liberal Arts; (Brasil) Lilia Schwarcz, professora de Antropologia na Universidade de São Paulo.

China: (primórdios) Michael Nylan, professor de Estudos da Ásia Oriental na Universidade de Berkeley; (a partir da dinastia Qin) Mark C. Elliott, professor Mark Schwartz de História da China e da Ásia Interior, Universidade de Harvard.

Genética/ADN: doutor Adam Rutherford.

Gregos: Roderick Beaton, professor emérito Koraes de História Moderna da Grécia e de Bizâncio no King's College, Londres; Armand D'Angour, professor de Clássica, Oxford.

Índia/Ásia Meridional: Tirthankar Roy, professor de História da Economia na Escola de Economia de Londres (LSE); doutor Tripurdaman Singh, do Instituto de Estudos da Commonwealth, Escola de Estudos Avançados, Universidade de Londres; doutor Sushma Jansari, curador das Coleções da Ásia Meridional no Museu Britânico; doutora Imma Ramos, curadora das Coleções da Ásia Meridional no Museu Britânico; doutora Katherine Schofield, professora associada de

Música e História da Ásia Meridional no King's College, Londres; dinastia sique, Davinder Toor.

Irão: Lloyd Llewellyn-Jones, professor de História da Antiguidade, Universidade de Cardiff.

Japão: doutor Christopher Harding, professor associado, História da Ásia, Universidade de Edimburgo.

Ucrânia: Serhii Plokhyy, professor catedrático Mykhailo Hrushevsky de História da Ucrânia, Universidade de Harvard.

Os meus agradecimentos aos que se seguem pelas suas revisões em assuntos a seguir apresentados, cronologicamente:

Pré-História: professor Chris Stringer, chefe de investigação, Evolução Humana, Museu de História Natural; (Suméria/Mesopotâmia) Augusta McMahon, professora de Arqueologia da Mesopotâmia, Cambridge; doutor John MacGinnis, Departamento do Médio Oriente, Museu Britânico.

Antigo Egito: Salima Ikram, professor de Egiptologia, Universidade Americana do Cairo; Yasmine El Rashidi.

Roma Antiga: Greg Woolf, professor Ronald J. Mellor Chair, de História da Antiguidade, na Universidade da Califórnia.

Rotas da Seda: Peter Frankopan.

Bizâncio: Jonathan Harris, professor de História de Bizâncio, Royal Holloway, Universidade de Londres; Peter Frankopan.

Vikings: Neil Price, professor de Arqueologia, Universidade de Uppsala.

Rus de Kiev/Moscóvia: doutor Sergei Bogatyrev, professor associado, University College London (autor de um livro prestes a ser publicado sobre memória familiar na Rus de Kiev).

Europa medieval/normandos: Robert Bartlett, professor emérito, Universidade de St. Andrews.

Mongóis: Timothy May, professor de História da Eurásia Central, Universidade da Geórgia do Norte.

Incas e astecas: Matthew Restall, professor Edwin Erle Sparks de História da América Latina Colonial, Penn State College of Liberal Arts.

Etiópia: doutor Mai Musié, investigador de pós-doutoramento de Raça e Etnia no antigo mundo greco-romano, Universidade de Oxford; doutora Verena Krebs, Ruhr-Universität Bochum; doutor Adam Simmons, Universidade Nottingham Trent; doutor Bar Kribus, Universidade Hebraica, Jerusalém.

Khmer/Camboja: Ashley Thompson, professor de Arte do Sudeste da Ásia, SOAS.

Portugal/Império Português: Malyn Newitt, professor catedrático Charles Boxer de História no King's College London; Zoltán Biedermann, professor de História da Idade Moderna, SELCS, University College London.

Espanha/Império Espanhol: doutor Fernando Cervantes, Universidade de Bristol.

Inglaterra do século XVII: Ronald Hutton, professor de História, Universidade de Bristol.

Brasil: Lilia Schwarcz.

Havai: Nicholas Thomas, professor de Antropologia Social, Cambridge.

França: Robert Gildea, professor de História Moderna, Worcester College, Oxford.

São Domingos/Haiti: doutor Sudhir Hazareesingh, Balliol College, Oxford; John D. Garrigus, professor de História na Universidade do Texas, em Arlington.

Países Baixos: David Onnekink, professor assistente de História na Universidade de Utrecht.

Alemanha: Katja Hoyer.

Guerra Fria: Sergey Radchenko, *Distinguished Professor* na Johns Hopkins School of Advanced International Studies.

O doutor N. Zaki traduziu textos árabes. Keith Goldsmith leu as secções relativas aos Estados Unidos. Kate Jarvis e Olly Boles ajudaram nas secções iniciais. Jonathan Foreman passou muitas horas a discutir história mundial.

As vidas são feitas por grandes professores e mentores inspiradores: agradeço à magnífica professora Isabel de Madariaga, já falecida, que me ensinou a escrever história no meu primeiro livro *Catherine the Great & Potemkin*; a Jeremy Lemmon, aos falecidos Stuart Parsonson, Howard Shaw, Hugh Thompson.

Os meus agradecimentos à equipa que me apoiou: doutor Marcus Harbord, na área da saúde; Rino Eramo, do café Rino, e Ted «Longshot» Longden, em The Yard, pelos seus estimulantes cafés pingados; a Carl van Heerden e Dominique Felix pelas sessões de *fitness* espartano; a Akshaya Wadhvani pelo *high-tech*. Os meus agradecimentos aos queridos amigos Samantha Heyworth, Robert Hardman; Aliai Forte; Tamara Magaram; Marie-Claude Bourrely e Eloise Goldstein pela ajuda sobre a Costa do Marfim.

Agradeço aos meus editores na Hachette – David Shelley, Maddy Price, Elizabeth Allen; à heroica Jo Whitford; e ao brilhante Peter James, o rei dos editores; à minha anterior editora Bea Hemming; nos Estados Unidos, ao falecido Sonny Mehta, a Reagan Arthur e Edward Kastenmeier, da Knopf; e aos meus excepcionais agentes Georgina Capel, Rachel Conway, Irene Baldoni, Simon Shaps.

Dedico este livro aos meus falecidos pais, Stephen e April. Agradeço à minha mulher Santa, à minha filha Lilochka e ao meu filho Sasha por aceitarem três anos de atenção hermética com risos, amor e tolerância: «Um por todos e todos por um.»

Simon Sebag Montefiore
Londres

Nota

Este é um trabalho de síntese, produto de uma vida de leitura, tendo sido utilizadas fontes primárias sempre que possível. Cada assunto aqui tratado contém uma vasta historiografia, pelo que, para poupar espaço, na Bibliografia, indico os principais trabalhos utilizados em cada secção.

Os nomes são importantes: «Na verdade», propôs Confúcio, «dever-se-ia fazer com que as coisas estivessem de acordo com as implicações ligadas aos seus nomes.» O estilo académico tradicional implica a helenização das dinastias orientais; por exemplo, os gengiscânidas desde Gengis Khan. A não ser que se trate mesmo de gregos (selêucidas), tento usar os seus próprios nomes: chamo axamanishiya aos aqueménidas persas; abbasiya aos abássidas. Tento evitar neologismos – sobretudo usando romaioi em lugar de bizantinos, hatitas em vez de hititas. Para o período anterior a 135 d. C., utilizo «habitante da Judeia» e «judeu» indistintamente, partindo do princípio de que os «habitantes da Judeia» se tornaram «judeus» ao longo do século que se seguiu à Revolta de Bar Kochka. Tento evitar a tradução de nomes: os reis franceses são François, os reis espanhóis são Enrique. Mas se forem bem conhecidos, utilizo os termos familiares: Ciro, não Kouresh, Pompeu, não Pompeius. Para o tempo dos otomanos, uso de um modo geral o turco e não o árabe: Mehmed Ali em vez de Muhammad Ali, mesmo que isso desagrade aos egípcios. Uso Türkiye em vez de Turquia: não há melhor exemplo de um erro ortográfico eurocêntrico do que este. Para os soberanos chineses, utilizo o nome que lhes foi atribuído (Liu Che) ou o seu título póstumo (imperador Wu ou Wudi); para as dinastias Ming e Qing, uso os nomes da época (o imperador Kangxi, por conseguinte, Kangxi).¹

Em contextos geográficos, cito Estados contemporâneos, mas isso pode prestar-se a confusões: o reino do Daomé localizava-se na atual República do Benim (não na República do Daomé); o reino do Benim localizava-se na Nigéria (não na República do Benim).

Os cronónimos da história mundial têm dimensão mundial – Idade da Pedra, Idade das Trevas, Grande Abertura e Renascimento, bem como inúmeras revoluções;

¹ Foram adaptados alguns critérios usados pelo autor no original, segundo os dos livros de História portugueses. Um dos exemplos: Turquia em vez de Türkiye, explicado atrás pelo autor. (*N. do E.*)

muitos parecem hoje reducionistas, antiquados e lugares-comuns. Mas cabe ao historiador classificar, e alguns são lugares-comuns porque, em grande parte, são verdade.

O meu pedido de desculpas por todas as inconsistências.

Introdução

As pegadas vão surgindo enquanto a maré baixa: as pegadas de uma família a caminhar na praia onde se encontra agora uma pequena povoação a leste da Inglaterra, Happisburgh. Cinco conjuntos de marcas. Pertencem provavelmente a um homem e quatro crianças e têm entre 850 mil e 950 mil anos. Descobertas em 2013, são as mais antigas pegadas de uma família alguma vez descobertas. Não são as primeiras: já se descobriram marcas de pés ainda mais antigas em África, onde teve início a história do ser humano. Mas são os vestígios mais antigos de uma *família*. E são a inspiração para esta história do mundo.

Já se escreveram muitas histórias do mundo, mas esta tem uma nova abordagem, apoiando-se nas histórias das famílias ao longo do tempo para oferecer uma perspetiva inovadora e diferente. É uma perspetiva que me atrai, porque proporciona um modo de relacionar grandes acontecimentos com dramas humanos individuais, desde os primeiros hominínios até hoje, da pedra polida ao *iPhone* e ao *drone*. A história do mundo é um elixir para tempos agitados: tem a vantagem de oferecer uma sensação de perspetiva; a desvantagem é que a distância envolvida é demasiada. A história do mundo baseia-se amiúde em temas, não em pessoas; a biografia tem pessoas, não temas.

A família ainda é a unidade essencial da existência humana – mesmo na era da IA e das guerras galácticas. Entrelacei a História contando as histórias de múltiplas famílias em todos os continentes e épocas, usando-as para atar o impulso da história humana. É a biografia de muitas pessoas e não de uma pessoa. Mesmo que o alcance destas famílias seja global, os seus dramas são íntimos – nascimento, morte, casamento, amor, ódio; caem; voltam a levantar-se; migram; regressam. É o que Samuel Johnson queria dizer quando afirmava que todo o reino é uma família e toda a família é um pequeno reino.

Ao contrário de muitas das histórias com as quais cresci, esta é uma história do mundo genuína, não desequilibrada por um foco excessivo na Grã-Bretanha e na Europa, mas dando à Ásia, à África e às Américas a atenção que merecem. O foco na família também torna possível prestar mais atenção às vidas de mulheres e crianças, ambas desprezadas nos livros que li quando era aluno. Os seus papéis – como a imagem da família em si – vão variando ao longo da História. O meu objetivo é o de mostrar como as pequenas fontes da História cresceram em conjunto.

A palavra «família» tem algo de aconchego e afeto, mas, claro que, na vida real, as famílias podem ser teias de luta e de crueldade. Muitas das famílias que sigo são famílias poderosas nas quais a intimidade e o zelo dos cuidados e do amor são de imediato macerados e distorcidos pela peculiar e implacável dinâmica da política. Entre as famílias poderosas, o perigo vem da intimidade. «A desgraça», como Han Fei Tzu avisou o seu monarca no século III a. C., «cair-lhe-á em cima vinda daquelas que ama.»

«A História é algo que raras pessoas faziam», escreve Yuval Noah Harari, «quando todos os outros lavravam os campos e carregavam baldes de água.» Muitas das famílias que escolhi são famílias que exercem poder, mas outras são constituídas por pessoas escravizadas, médicos, pintores, romancistas, executores, generais, historiadores, sacerdotes, charlatães, cientistas, magnatas, criminosos – e amantes. Até alguns deuses.

Algumas serão reconhecidas, muitas não: aqui, seguimos as dinastias de Mali, Ming, Médici e Mutapa, Daomé, Omã, Afeganistão, Camboja, Brasil e Irão, Haiti, Havai e Habsburgo; fazemos a crónica de Gengis Khan, Sundiata Keita, imperatriz Wu, Ewuare, *o Grande*, Ivan, *o Terrível*, Kim Jong-un, Itzcoatl, Andrew Jackson, rei Henri do Haiti, Ganga Zumba, o *Kaiser* Guilherme, Indira Gandhi, Sobhuza, Pachacuti Inca e Hitler juntamente com os Kenyatta, Castro, Assad e Trump, Cleópatra, De Gaulle, Khomeini, Gorbachev, Maria Antonieta, Jefferson, Nader, Mao, Obama; bem como Mozart, Balzac e Miguel Ângelo; e também os César, Mughal, Saudi, Roosevelt, Rothschild, Rockefeller, otomanos.

O sórdido coexiste com o acolhedor. Há muitos pais e mães amorosos, mas também o «Barrigudo» Ptolemeu VIII desmembra o filho e envia os pedaços do seu corpo à mãe; o xá Nader e a imperatriz Iris cegam os filhos; a rainha Isabel tortura a filha; é possível que Carlos Magno tenha dormido com as suas; a mãe do poder otomano, Kösem, ordena o estrangulamento do filho e é, por sua vez, estrangulada por ordem do neto; Catarina de Médici, da dinastia Valois, orquestra um massacre no casamento da filha, cuja sedução ou mesmo violação pelos filhos ela parece ter perdoado; Nero deita-se com a mãe e a seguir mata-a. Shaka mata a mãe e, depois, usa-a como pretexto para iniciar um massacre. Saddam Hussein atira os filhos contra os genros. Ainda hoje, o assassinio de irmãos é endémico: Kim Jong-un assassinou recentemente o seu irmão de um modo muito atual, utilizando um agente nervoso como veneno, através do disfarce de um *reality show* televisivo.

Também seguimos as tragédias de filhas adolescentes, enviadas por pais insensíveis para casarem com estranhos em terras distantes, onde acabam por morrer durante o parto: às vezes, os seus casamentos facilitavam proximidades entre Estados; mais frequentemente, o seu sofrimento servia de pouco porque as ligações familiares eram completamente ultrapassadas pelos interesses estatais. Também seguimos mulheres escravizadas – como é o caso de Kösem –, que chegam a governar impérios. É o caso de Sally Hemings, meia-irmã escravizada da falecida mulher de Thomas Jefferson, criando em segredo os filhos do presidente; é o caso de Razia,

do Sultanato de Deli, que chega ao império como soberana, mas é destruída por causa da sua relação com um general africano; no al-Andaluz, a filha de um califa, Wallada, torna-se poetisa e libertina. Seguindo as famílias que escolhemos através de pandemias, guerras, inundações e tempos prósperos, delineamos as vidas de mulheres desde as aldeias aos tronos e daí às fábricas e aos cargos de primeiro-ministro, da catastrófica mortalidade maternal e da falta de poder legal ao direito de voto, ao aborto e à contraceção; e a trajetória de crianças desde a devastadora mortalidade infantil ao trabalho industrializado e ao moderno culto da infância.

Esta história concentra-se em indivíduos, famílias e círculos restritos. Há muitos outros modos de abordar a História com tudo o que esta abrange. Mas, como historiador, interesse-me pelo poder; a geopolítica é o motor da história mundial e passei a maior parte da minha carreira a escrever sobre os líderes russos. Este é o tipo de História que sempre gostei de ler – contém paixões e fúrias, o campo da imaginação e dos sentidos, a determinação da vida comum sem os tratados de economia pura e ciência política. O aspeto central desta conexão humana é um modo de contar a história global que apresenta o impacto das mudanças políticas, económicas e técnicas enquanto também mostra como as famílias evoluíram. Este livro é mais um assalto no longo combate entre estrutura e ação, forças impessoais e carácter humano. Mas estes não são necessariamente exclusivos. «Os homens fazem a sua própria história», escreveu Marx, «mas não a fazem de acordo com a sua vontade; não a fazem sob circunstâncias que escolheram, mas sob circunstâncias preexistentes, legadas e transmitidas do passado.»

Com muita frequência, a História é apresentada como uma série de acontecimentos separados, revoluções e paradigmas bem definidos, vividos por pessoas bem classificadas e precisamente definidas. Ainda assim, as vidas das famílias reais revelam algo diferente – pessoas idiossincráticas, únicas, vivendo, rindo, amando ao longo de décadas e séculos num mundo estratificado, liminar, caleidoscópico, que desafia as categorias e identidades de tempos posteriores.

As famílias e personagens que abordo aqui são tendencialmente excecionais – mas também revelam muito sobre a época e o ambiente em que vivem. Este é um modo de observar a evolução de reinos e Estados, o modo como se desenvolveu a ligação entre povos e como diferentes sociedades absorveram desconhecidos e se misturaram com outros. Neste multifacetado drama, espero que a narrativa simultânea, combinada e única capte, ainda assim, algo da confusa imprevisibilidade e contingência da vida real em tempo real, a sensação de que muito acontece em diferentes lugares e esferas, o caos e a confusão de uma atordoante, convulsiva, desarticulada carga de cavalaria, frequentemente tão absurda como cruel, sempre repleta de vertiginosas surpresas, estranhos incidentes e incríveis personalidades que ninguém poderia ter previsto. É por isso que os líderes mais bem-sucedidos são visionários, estratégias transcendentais e também improvisadores, oportunistas, produtos do engano e da sorte. «Até o mais astuto dos astutos», admitiu Bismarck, «avança na escuridão como uma criança.» A História é feita da interação de ideias,

instituições e geopolítica. Quando se unem numa conjunção feliz, ocorrem grandes mudanças. Mas até aí são as personalidades a lançar os dados...

Seguimos tanto famílias nucleares como famílias mais alargadas no poder, muitas vezes, clãs e tribos. A família nuclear é uma realidade para todos nós em termos biológicos e, para muitos de nós, em termos de cuidados parentais, independentemente dos seus defeitos; dinastias mais extensas são constructos que utilizam a confiança e a linhagem como uma cola para preservar o poder, proteger a riqueza e partilhar os riscos. Ainda assim, todos compreendemos instintivamente que, de muitas formas diferentes, todos somos membros de dinastias e esta história da família é uma crónica de todos nós. A diferença é que as medidas utilizadas pelas famílias no poder são mais letais, bem como o que está em jogo para elas.

Na Europa e nos Estados Unidos, tendemos a pensar na família como uma pequena unidade que já não tem importância política na era do individualismo, da política de massas, da industrialização e da alta tecnologia – e que já não precisamos das famílias como antes. Há alguma verdade nisso e, nos últimos séculos, a família tem adquirido um aspeto diferente. Face à ausência de famílias proeminentes, continuo a utilizar a personagem e o parentesco para tecer uma narrativa complexa, mas acontece que, no nosso mundo individualista, supostamente racional, as dinastias evoluíram, mas não se extinguíram. Longe disso.

Durante a revolução norte-americana, Tom Paine insistia que «um monarca hereditário é uma posição tão absurda como um médico hereditário», mas, na altura, os médicos eram, amiúde, como muitos outros profissionais, hereditários.

Nas democracias liberais da atualidade, orgulhamo-nos de políticas racionais e puras, sem clãs, parentescos e ligações íntimas. É certo que a família importa muito menos. Mas grande parte da política continua a ter que ver tanto com personalidade e com a proteção como com política. Os Estados de hoje, mesmo na América do Norte e na Europa Ocidental, são mais complexos e menos racionais do que aquilo que pretendemos: as instituições formais acabam frequentemente contornadas por redes informais e cortes pessoais que incluem a família – nas democracias ou semi-democracias, basta pensarmos nos Kennedy e Bush, Kenyatta e Khama, Nehru, Bhutto e Sharif, Lee e Marcos, demodinastias que representam confiança e continuidade, mas tiveram de ser eleitas (e podem também ser não eleitas). Estudos sobre os Estados Unidos, a Índia e o Japão atuais revelam que as dinastias nacionais são replicadas localmente entre linhagens distritais e estatais. E, depois, há o número crescente de soberanos hereditários na Ásia e na África, que, por detrás do disfarce de instituições republicanas, são, na realidade, monarcas.

«O parentesco e a família continuam a ser uma força a ter em conta», escreve Jeroen Duindam, o decano dos historiadores de dinastias. «Formas personalizadas e duradouras de liderança na política e nos negócios tendem a adquirir traços semi-dinásticos mesmo no mundo contemporâneo.»

Um livro desta dimensão tem muitos temas: um é a formação das nações através da migração. Seguimos famílias estáveis, e seguimos famílias em movimento ou

formadas pelo movimento: as grandes movimentações em massa de famílias – migrações e conquistas – que criaram todas as raças e nações.

Não se pode escrever sobre dinastia sem religião: os soberanos e as dinastias governaram como monarquias sagradas, agentes e, às vezes, personificações da vontade divina, uma convicção que encaixava na família para fazer com que a sucessão hereditária parecesse natural, um reflexo da organização natural da sociedade através da linhagem. Depois de 1789, a dinastia teológica e sagrada evoluiu para se adaptar a novos paradigmas nacionais e populares e, a partir de 1848, à política de massas. A religião tradicional – com todos os seus rituais – é, atualmente, menos predominante, mas as nossas sociedades, chamadas seculares, são tão religiosas como as dos nossos antepassados, e as nossas ortodoxias são tão rígidas e absurdas como as das antigas religiões. Um tema abrangente é, então, o da necessidade humana de religiosidade e soteriologia, para que todos os indivíduos, famílias e nações encontrem uma missão honrada que dê significado e forma às suas existências. «Aquele que tem uma *razão* pela qual viver», diz Nietzsche, «pode tolerar *como vive*.»

Apesar de a família ter tido diferentes formas em diferentes épocas e o poder ter sempre fluído, há um fenómeno oposto ao qual está ligada e ao qual este livro presta muita atenção: a escravatura. Na forma de escravos domésticos, a escravatura foi, desde o início, um traço sempre presente da família, não da família dos escravos, mas da família do dono de escravos. A escravatura destruiu famílias; foi uma instituição antifamília. As famílias escravizadas – nos lares romanos, nos haréns islâmicos ou aquelas como as de Sally Hemings e Jefferson nuns Estados Unidos proprietários de escravos – sofreram coerção sem escapatória e, muitas vezes, violações sem contemplações. Um dos temas desta história: para muitos, a família pode ser um privilégio.

Este livro é escrito numa época de desenvolvimentos excitantes, e há muito esperados na escrita da História, que nele se refletem: uma ênfase nos povos da Ásia e África; a interligação de governos, linguagens, culturas; um foco no papel das mulheres e na diversidade racial. Mas a História tornou-se uma fúria, o seu poder moral inflama instantaneamente tochas de conhecimento e incêndios na lixeira da ignorância. Basta apenas passar os olhos às paisagens infernais do Twitter e do Facebook, ouvir os seus borborigmos de preconceitos e conspirações para se perceber que a História está cada vez mais físsil graças à distorção digital. Um pouco ciência, um pouco literatura, um pouco misticismo, um pouco ética, a História sempre foi importante, porque o passado, de esplendor com matizes dourados ou de sofrimento heroico, independentemente de como se imagine, possui uma legitimidade e uma autenticidade, até uma santidade, que fazem parte de nós – e frequentemente expressas através das histórias de famílias e nações. Pode mover multidões, criar nações, justificar carnificinas e heroísmo, tirania e liberdade, com o poder silencioso de mil exércitos. É por isso que, na melhor das hipóteses, a busca da verdade é essencial. Todos os impérios, ideologias e religiões têm procurado controlar

o bendito passado para legitimar o que fazem no presente. Na atualidade, há imensas tentativas, no Oriente e no Ocidente, de submissão da História à ideologia.

A velha história infantil dos «bons» e dos «maus» está novamente na moda, se bem que com outros «bons» e outros «maus». Contudo, como notou James Baldwin: «Um passado inventado nunca pode ser usado; estala e fragmenta-se sob as pressões da vida como argila na estação seca.» A melhor pista encontra-se no uso de uma gíria emaranhada. Como escreveu Foucault, a gíria ideológica é um sinal de ideologia coerciva: «Tende a exercer uma espécie de pressão e algo como um poder de coerção noutros discursos», pois a gíria oculta a ausência de base factual, intimida os dissidentes e permite aos colaboradores exibirem as suas virtuosas convenções. «O que está em causa», perguntou Foucault, tantas vezes certo, «no desejo de verdade, no desejo de transmitir este discurso “verdadeiro”, senão a ânsia e o poder?» Baldwin avisou: «Ninguém é mais perigoso do que aquele que se imagina de coração puro: pois a sua pureza, por definição, é inatacável.» As ideologias da História raramente sobrevivem ao contacto com desordem, *nuances* e complexidade da vida real: «O indivíduo com poder», notou Foucault, «é, ao mesmo tempo, o veículo desse poder.»

Necessariamente, são bastante focadas as matérias negras da História – guerra, crime, violência, escravatura e opressão –, porque representam factos da vida e motores de mudança. A História é «a mesa de abate», escreveu Hegel, «na qual a felicidade dos povos é sacrificada». A guerra é sempre um catalisador: «A espada diz mais a verdade do que os livros, o seu gume separa a sabedoria da vaidade», escreve Abu Tammam ibn Aws, poeta iraquiano do século IX. «O conhecimento encontra-se no fulgor das lanças.» E todo o exército, escreveu Trotsky, «é uma cópia da sociedade e sofre de todas as suas doenças, geralmente com uma febre mais alta». Os impérios – governos com centralização de poder, massa continental, abrangência geográfica, diversos povos – são omnipresentes de muitas formas; os impérios das estepes, dos cavaleiros nómadas que ameaçaram as sociedades sedentárias durante muitos milénios, são bastante diferentes dos impérios europeus transoceânicos que dominaram o mundo entre 1500 e 1960. Alguns foram o trabalho de um único conquistador ou de uma única visão, mas muitos acabaram conquistados e governados sem planeamento, ao acaso e de formas múltiplas. Os rivais mundiais da atualidade são as «nações imperiais» – lideradas pela China, pelos Estados Unidos e pela Rússia –, que combinam a coesão da nação e a abrangência do império com massas impressionantes, muitas vezes continentais. Em Moscovo, os imperialistas, fortalecidos por um novo ultranacionalismo, controlam a maior nação imperial do mundo – com resultados letais. O torneio da geopolítica – aquilo a que o papa Júlio II chamou «o Jogo do Mundo» – é implacável; o sucesso é sempre temporário e o custo humano é sempre demasiado elevado.

Muitos crimes foram esquecidos e ocultados, mas têm de ser abordados exaustivamente. Neste livro, o meu objetivo é o de escrever uma história com *nuances* que mostre os seres humanos e os seus governos como as entidades complicadas, imperfeitas, inspiradoras que são na realidade. A melhor solução para os crimes do

passado consiste em projetar-lhes a luz mais brilhante; e uma vez que esses crimes estão fora do alcance da punição, essa iluminação é a redenção mais verdadeira, a única que interessa. Este livro visa projetar essa luz: proezas e crimes são relatados, fossem quem fossem os responsáveis. Tento contar as histórias do maior número possível de inocentes mortos, escravizados ou reprimidos: todos interessam ou não interessa ninguém.

Hoje, somos abençoados por novos e excitantes métodos científicos – datação pelo carbono, ADN, glotocronologia – que nos permitem descobrir mais do passado e registar o dano que os humanos estão a fazer à sua Terra através do aquecimento global e da poluição. No entanto, mesmo com todas essas novas ferramentas, na essência, a História ainda é sobre pessoas. A minha última viagem antes de escrever este texto foi ao Egito: quando vi os rostos animados dos retratos tumulares de Fayum, pensei em quanto essas pessoas no século I se pareciam connosco. Elas e as suas famílias partilham muitas características com os atuais seres humanos, mas as diferenças são também igualmente grandes. Nas nossas próprias vidas, muitas vezes, percebemos mal as pessoas que conhecemos bem. A primeira regra da História é a de se perceber como sabemos tão pouco das pessoas do passado, como elas pensavam, como as suas famílias funcionavam.

É um desafio evitar a teleologia, escrever História como se os seus resultados fossem conhecidos desde o início. Os historiadores são péssimos profetas, mas excelentes a profetizar o futuro quando já sabem o que aconteceu. Isto porque, frequentemente, os historiadores não são tão bons cronistas do passado ou videntes do futuro como simplesmente espelhos do seu próprio presente. O único modo de entender o passado é agitando o presente: o nosso trabalho consiste em procurar os factos que pudermos para relatar as vidas das gerações anteriores – esmiuçada e tão amplamente como o mundo – utilizando tudo o que sabemos.

Um historiador do mundo, escreveu al-Masudi na Bagdade do século IX, é como «um homem que, tendo encontrado pérolas de todos os tipos e cores, as reúne num colar e as torna um ornamento para o seu utilizador guardar com enorme cuidado». É esse o tipo de História do mundo que pretendo escrever.

As pegadas da família na praia de Happisburgh foram rapidamente destruídas pelas marés – mas faltavam várias centenas de milhares de anos para ter início aquilo a que chamamos História.